

índice

- 1 *A propósito da Aboboreira — uma experiência de análise territorial...*  
por Vítor O. Jorge
  - 3 *Gravuras rupestres de Mazouco...*  
por Susana O. Jorge e outros
  - 13 *Aspectos da evolução pré-histórica e proto-histórica do Poitou-Charentes*  
por Jean-Pierre Pautreau, do C.N.R.S. (França)
  - 19 *Os túmulos megalíticos da Baixa Saxónia...*  
por U. Fischer (Alemanha Ocidental)
  - 29 *Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gregos...*  
por Vítor Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP
  - 36 *O complexo arqueológico do lapiás de Negrais...*  
por Eduardo da Cunha Serrão, da Associação dos Arqueólogos Portugueses
  - 43 *Pinturas esquemáticas de Penas Róias...*  
por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto e António Maria Mourinho (Duas Igrejas)
  - 49 *A pedra decorada de Ardegães...*  
por Elizabeth Shee Twohig, da Universidade de Cork (Irlanda)
  - 56 *A arte do Gião*  
por António Martinho Baptista, do Parque Nacional da Peneda-Gerês
  - 67 *Sondagens arqueológicas na estação do Alto da Caldeira...*  
por Susana Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto e do GEAP
  - 77 *A estação pré-histórica do Monte Calvo — Baião — Notícia preliminar*  
por A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto e do GEAP
  - 88 *Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal*  
por Maria de Jesus Sanches, do GEAP
  - 99 *Castro de Peso*  
por Teresa Soeiro, da Faculdade de Letras do Porto
  - 103 *O povoado fortificado de Santo Ovídio (Fafe)*  
por Maria Manuela Martins, da Universidade do Minho
  - 111 *Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto...*  
por Carlos Alberto Ferreira de Almeida
  - 117 *A villa romana de S. Cucufate*  
por Jorge de Alarcão, da Faculdade de Letras de Coimbra
  - 121 *Estações e Monumentos: As estações de Arte rupestre do Vale do Tejo*  
por Eduardo da Cunha Serrão
  - 125 *Museus*
  - 128 *Publicações recentes*
  - 131 *Notícias*
- Extra-texto: Fichas de introdução à Arqueologia:*  
Dólmen, por V. O. Jorge  
Lascaux (Gruta de), por J. P. Ribeiro  
Mosaico Romano, por M. M. F. de Almeida  
Quaternário, por D. de J. da Cruz

arqueologia

publicação semestral

editada pelo  
GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS  
DO PORTO (GEAP)

Secretaria de Estado da Cultura  
— Delegação Regional do Norte

Rua António Cardoso, 175 NÚCLEO DE PERIÓDICOS  
4100 PORTO — Portugal

director

FLUP-BIBLIOTECA ( )

VÍTOR OLIVEIRA JORGE



conselho científico:

Jean Roche (*Paleo-Mesolítico*)  
Eduardo da Cunha Serrão (*Arg. pré-histórica*)  
Jorge de Alarcão (*Arqueologia clássica*)  
Carlos Alberto F. de Almeida (*Arg. medieval*)

comissão redactorial:

Antónia Soares da Silva  
Domingos de Jesus da Cruz  
João Pedro Ribeiro  
Maria de Jesus Sanches  
Raúl Solla Prata

correspondentes:

António Martinho Baptista (Braga)

distribuidor em Espanha:

Galiza — Librouro  
R. Eduardo Iglesias, 12  
VIGO - Espanha

composição e impressão:

Tipografia MINERVA  
Telefone 63643  
4480 Vila do Conde

preço avulso: 200\$00

assinatura anual (dois números): 335\$00

tiragem: 3.000 exemplares

Solicita-se permuta  
On prie l'échange  
Echange wanted  
Tauschverkehr erwünscht  
Sollicitiamo intercambio

Registos de Imprensa n.ºs 107738 e 207737  
(Secretaria de Estado da Comunicação Social — Direcção-  
-Geral da Informação)

CAPA: Pormenor das pinturas do abrigo de  
Penas Róias (Mogadouro)  
(Foto de C. A. Ferreira de Almeida)

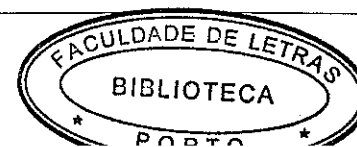
CONTRA-CAPA: Aspecto zoomórfico do lapiás  
de Negrais (Sintra)  
(Foto de E. C. Serrão)

A propósito  
da Aboboreira

— uma experiência  
de análise territorial  
em Arqueologia

por Vítor Oliveira Jorge

Muita da pesquisa arqueológica que se tem realizado em Portugal tem partido de iniciativas individuais, ao sabor das descobertas ou da curiosidade dos arqueólogos. As excepções existem — Conímbriga, Campo Arqueológico de Braga, trabalhos de Arqueologia dependentes do Gabinete da Área de Sines, estudo da arte rupestre do vale do Tejo e seu contexto, investigações do Centro de Estudos de Sesimbra, pesquisas conducentes a teses de doutoramento, etc., etc. — mas a própria via de obtenção de autorizações e subsídios do IPPC mostra bem que a regra são as escavações pontuais, em estações determinadas, dirigidas por certos arqueólogos. Apesar das grandes mutações que a Arqueologia portuguesa tem sofrido na última década, ainda hoje não é demais chamar a atenção para a importância dos trabalhos, individuais ou colectivos, se integrarem em programas de pesquisa que visem a concretização, ao longo de um período de tempo mais ou menos longo, de certos objectivos bem definidos *a priori*. Evitar-se-á assim o amadorismo (no seu aspecto negativo), a casuística de investigações sem continuidade, que só degradam o património, e habituar-se-á os arqueólogos de que se não pode, nem deve, escavar muitas estações ao longo de uma vida, abrindo constantemente novas frentes de pesquisa sem relação, ou só com uma relação remota, entre si. É importante que se constituam unidades permanentes de trabalho, capazes de acumular todo um espólio de experiência e até de meios técnicos de ano para ano, verdadeiros pólos activos de estudo e levantamento de cartas arqueológicas que, minimamente coordenadas entre si, possam contribuir para a Carta Arqueológica do



902(05)  
Ara.

# Recipientes cerâmicos da Pré-história recente do Norte de Portugal

por Maria de Jesus Sanches

## 0. Introdução

Este trabalho pretende revelar um estudo analítico referente a cinco recipientes cerâmicos existentes em museus do Norte do país.

Trata-se de cerâmicas de feição arcaica, de fabrico manual, provenientes, todas elas, de estações arqueológicas, presumivelmente pré-históricas, do Norte de Portugal.

Num primeiro momento serão estudados os quatro recipientes que apresentam, em termos de atributos, mais afinidades entre si. Seguidamente descreveremos um exemplar cerâmico diferente dos anteriores cuja estação é apresentada, com as devidas reservas, como sendo um dólmen da serra da Lapinha, concelho de Guimarães.<sup>1</sup>

## 1. Notícias relativas às estações arqueológicas

a) Vaso do Monte de Guilhofrei, freguesia de Guilhofrei, concelho de Vieira do Minho, distrito de Braga. Museu da Soc. M. Sarmento, Guimarães (fig. 2A).

A este vaso unicamente Vera Leisner se refere como proveniente, embora sem garantias, dum monumento megalítico sito no Monte Guilhofrei.<sup>2</sup>

b) Vaso de Meixedo, freguesia de Meixedo, concelho de Montalegre, distrito de Vila Real. Exposição permanente do Parque Nacional da Peneda, Gerês (fig. 2B).

Segundo a informação oral do Padre Gonçalves da Costa o vaso foi encontrado entre Meixedo e Codeçoso, provavelmente num local cujo topónimo, «Mota das Urzes», aponta para um possível monumento megalítico.

Por seu lado Fernando Braga Barreiros refere que, lateralmente ao caminho que liga Codeçoso a Meixedo «... entre quatro lajes que estavam cravadas de cutelo no terreno...» aparece-

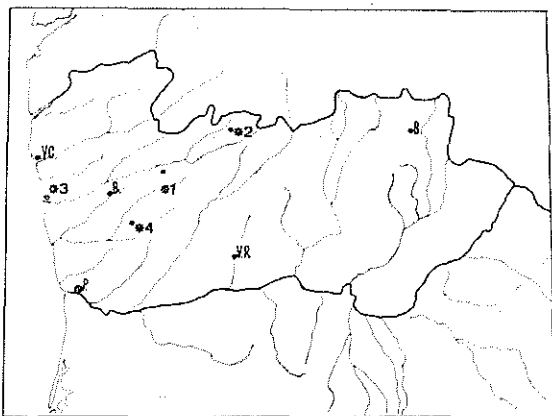


Fig. 1 — Localização das estações. 1. Monte Guilhofrei; 2. Meixedo; 3. Mamoinha da Serra, Vila Chã; 4. Monte da Lapinha, Guimarães.

ram três vasos.<sup>3</sup> Esta descrição parece apontar para a existência duma cista no local mas não permite identificar o vaso em estudo com aqueles aí descobertos.

Estas escassas informações, as únicas que nos foi possível obter, só nos permitem afirmar que há uma coincidência genérica de local de achado que será entre Meixedo e Codeçoso, povoações muito próximas uma da outra e ligadas por um curto caminho carreteiro.

Na cartografia do local não consta o topónimo «Mota das Urzes».

c) Vaso duma mamoinha da Serra, freguesia de Vila Chã, concelho de Esposende, distrito de Braga. Museu da Soc. M. Sarmento, Guimarães (fig. 2C).

Este recipiente foi exumado por Martins Sarmento duma das três mamoinhas da Serra de Vila Chã e levado pelo mesmo para o museu em 1880.

Parece-nos, com base na descrição feita pelo citado arqueólogo, que a urna conjuntamente com 13 pontas de seta, foram exumadas da mamoinha do meio à qual o mesmo se refere nos seguintes termos «... conserva ainda os quatro suportes do lado direito e um do lado esquerdo. Era inquestionavelmente uma anta».<sup>4</sup>

d) Desconhece-se a proveniência do vaso da fig. 3 exposto no Museu do Instituto de Antropologia Prof. Mendes Corrêa, Porto, sob o n.º 33.01.59E, mas cujo registo não consta no ficheiro. Igualmente no caderno de registos de entrada de peças no museu as buscas foram infrutíferas.

O vaso está todo fragmentado tendo sido coladas as diferentes partes no museu. É provável que no registo de entrada figurasse como um grupo de fragmentos entre tantos outros que foram trazidos no ano de 1933 da estação de Mairos (Chaves) pois esta é designada, no ficheiro, pela letra E, a mesma que consta da referência do vaso.

## 2. Caracterização das áreas de proveniência dos vasos

O Monte de Guilhofrei, a cerca de 19 km a sul da povoação homónima, é uma pequena elevação (cota máx. 370), aplanada no sentido NE mas abrupta a SW onde é cortada por dois pequenos cursos de água os quais se juntam na base do mesmo monte, indo desaguar ao rio Ave.<sup>5</sup>

Geologicamente este monte integra-se numa mancha de granitos onde predominam os de natureza calco-alcalina de duas micas, cortados por afloramentos que se salientam da paisagem pelo seu aspecto caótico. O monte de Guilhofrei constitui um desses afloramentos onde predomina o granito de grão médio a fino.<sup>6</sup>

A área de Meixedo e Codeçoso constitui um dos prolongamentos para sul da Serra do Larouco. É uma zona planáltica, de cotas bastante altas (média de 1.000 m), desabrigada e onde predomina a vegetação rasteira.<sup>7</sup>

Do ponto de vista geológico insere-se numa área de rochas graníticas de idade hercínica. Codeçoso está implantado sobre um afloramento onde predomina o granito de duas micas, de textura não orientada, de grão médio a grosseiro.<sup>8</sup>

As três mamoinhas da Serra de Vila Chã situam-se a meio da vertente NE da pequena elevação da Maceira (cota 248), a W do lugar

da Granjeira, esta atravessada pela estrada nacional que liga Barcelos a Viana do Castelo.

A cota aproximada do local onde se implantam as mamoa é de 210 m.<sup>9</sup>

O Monte da Maceira situa-se no afloramento ou mancha do Perelhal o qual se alonga no sentido NNW-SSE, de Vila Chã a Vilar de Fogos. Aí predomina o granito monzonítico biotítico de grão pouco grosseiro mas alterado e de megacristais pouco desenvolvidos.<sup>10</sup>

## 3. Arqueologia pré-histórica das áreas de origem dos vasos: breves referências

No concelho de Montalegre existe um dos mais importantes conjuntos megalíticos do norte do país, com prolongamento para a vizinha Galiza.

Foram aí localizadas 13 mamoa megalíticas: 3 no Crasto, 9 a sul das Fragas do Perouco e uma perto da capela de Nossa Senhora das Neves.

Em Meixedo existem 13 no local da Veiga da Porrinha, uma no lugar da Serra, 4 na Praça dos Crastelos e uma outra no lugar do Monte do Facho.

Em Sarraquinhos, povoação vizinha de Meixedo, no sítio chamado da Casa da Gafa, local de Cepêda, foram exumados, dum dólmen com mamoa, dois vasos cerâmicos. Ainda na mesma freguesia, no sítio da Fraga, situam-se duas mamoa com anta.

Na freguesia de Padornelos, a NE de Meixedo, junto do Poço do Grou, existem duas mamoa (duas a N do Monte de Pedregalho e uma outra no sítio da Lama da Carneira).

Parece ter existido uma cista no lugar de Strôganos, freguesia de Sarraquinhos.

Achados de instrumentos de bronze provêm da freguesia da Solveira. São eles um machado de talão, duas pontas de lança de alvado e um outro instrumento de metal não bem identificado.

Do lugar do Agro Velho, Montalegre, provêm, dum achado de superfície, cinco machados planos de bronze.<sup>11</sup>

Na área de Vila Chã o conjunto megalítico é vasto. Situa-se uma mamoa no lugar do Monte a NW de Forjães; as três mamoinhas do Rápido, a mamoinha do Descampado e as três mamoinhas do Outeiro no Monte da Maceira (o mesmo onde se encontram as três mamoinhas da Serra), encontram-se respectivamente a NW, SW, SE e NE da referida elevação.

Numa das três mamoa do Rápido parece,

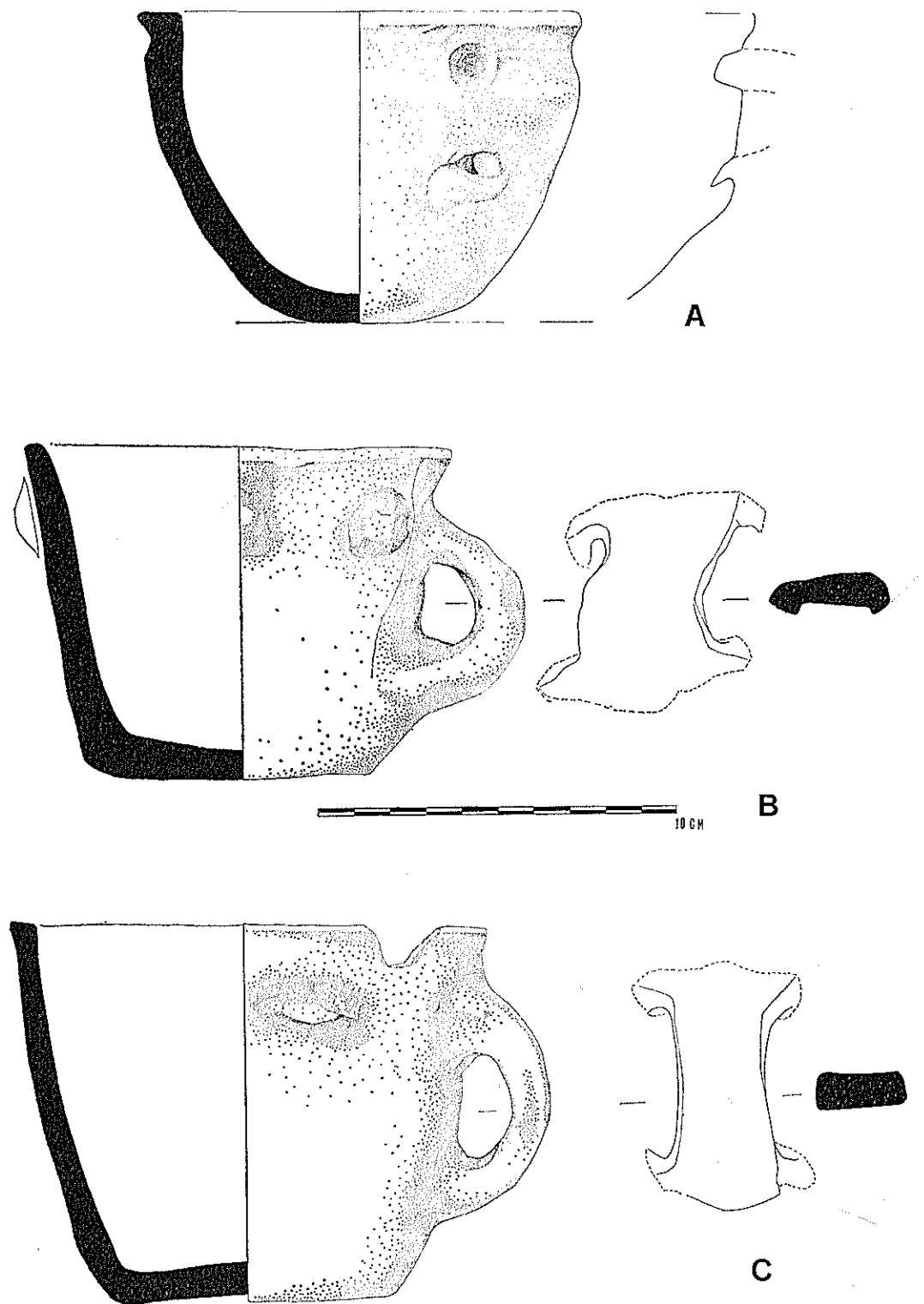


Fig. 2 — A - Vaso do Monte Guilhofrei; B - Vaso de Meixedo; C - Vaso da Mamoa da Serra, Vila Chã.

segundo a descrição de Martins Sarmiento, ter existido um enterramento secundário em cista, a qual se situaria a nascente da câmara dolménica. Era «... uma pequena caixa de pedra, formada por lousas de granito, tampada e aberta por um lado, que provavelmente conteve uma urna cinerária...»

A W da povoação de Vila Chã, no lugar do Sobreiro, situa-se a antela da Portelagem (anta provida de mamoa), que forneceu um vaso carenado, decorado com uma fila de mamilos sobre a carena e outra sobre o bordo. Além do vaso, foram daí exumadas três pontas de seta, uma de quartzo e duas de sílex.<sup>12</sup>

Ainda a sul de Vila Chã existe a mamoa da Arriada e em S. Paio de Antas tem lugar um menir, recentemente estudado e publicado pelo Dr. Carlos A. Brochado de Almeida.<sup>13</sup>

Na Gandra, a N de Vila Chã, situa-se um povoado pré-histórico que forneceu cerâmica de «tipo Penha».<sup>14</sup>

#### 4. Descrição dos recipientes cerâmicos

Vaso da fig. 2A

Dimensões:

Altura — 8,8 cm.

Diâmetro da abertura — 12,5 cm.

Diâmetro do fundo — 2,7 cm.

Espessura média das paredes — 1 cm.

Descrição técnica:

Pasta de textura compacta com desengordurante constituído por elementos micáceos finos e grãos de quartzo de médio calibre, estes em proporção inferior aos primeiros.

As superfícies interior e exterior são unicamente alisadas sendo visíveis as marcas deixadas pelos dedos aquando da modelagem.

As paredes são de cor castanho escuro, enegrecidas no exterior e apresentam, em toda a superfície, matéria inorgânica aderente.

Descrição morfológica:

Recipiente aberto, de perfil sub-elíptico levemente irregular e fundo plano-convexo; o bordo é horizontal (1,2 cm.).

Exteriormente, na sequência do bordo e a toda a volta, tem uma profunda reentrância irregular.

Teria sido provido de uma asa lateral, ver-

tical, de prensão horizontal a julgar pelas duas perfurações visíveis no corpo do vaso, que pensamos serem os negativos da inserção.

Fabrico manual.

Estado de conservação: corpo inteiro ao qual falta unicamente a asa. O bordo está esborado no exterior.

Vaso da fig. 2B

Dimensões:

Altura — 9,3 cm.

Diâmetro da abertura — 12 cm.

Diâmetro do fundo — 8 cm.

Espessura média das paredes — 1 cm.

Asa:

Altura — 6 cm.

Largura média — 3,5 cm.

Espessura média — 0,8 cm.

Descrição técnica:

Pasta de textura compacta cujo desengordurante é constituído essencialmente por grãos de quartzo de médio e grosso calibre e por uma fraca percentagem de elementos micáceos, estes muito finos.

Superfícies exterior e interior tosca e irregularmente alisadas, de cor predominantemente castanho clara mas com enormes manchas negras que se estendem pelo exterior (fundo, corpo e bordo) e interior (corpo e bordo). Aderente à superfície interior, a matéria inorgânica carbonizada concentra-se nas zonas negras.

Descrição morfológica:

Recipiente tronco-cónico, decorado, de perfil sub-rectilíneo, bordo extrovertido sub-horizontal estreito e fundo plano.

Possui asa lateral, vertical, de prensão horizontal e secção sub-cilíndrica, inserida no corpo do vaso sob o bordo.

Fabrico manual.

Estado de conservação: vaso inteiro, unicamente esborado no bordo e na extremidade de três das sete protuberâncias mamilares.

A superfície exterior do fundo está extremamente corroída.

Decoração: sob o bordo possui uma fiada de sete protuberâncias mamilares sub-circulares, salientes e de extremidade arredondada.

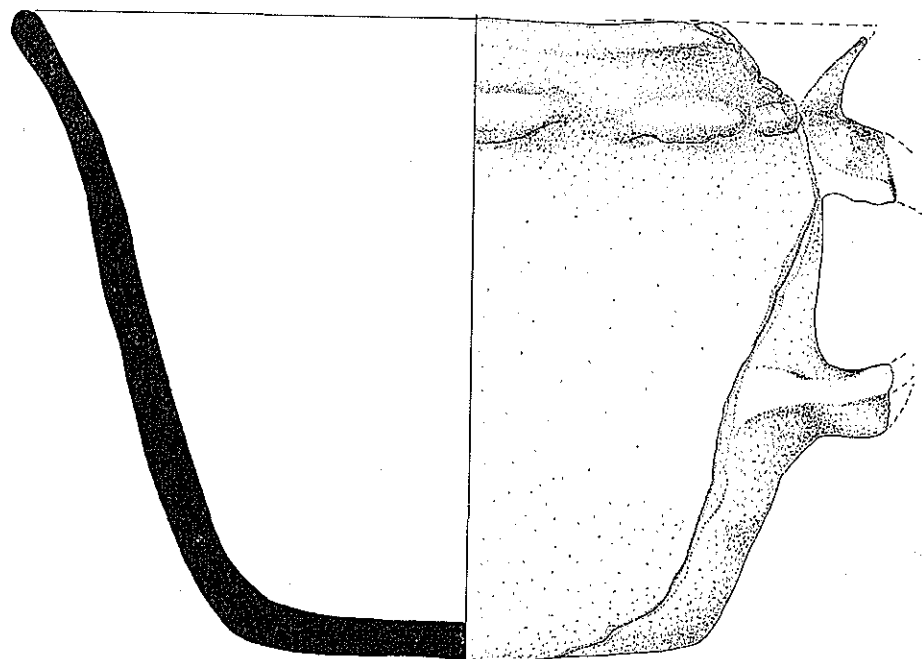
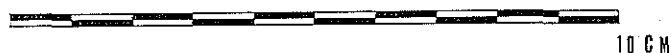
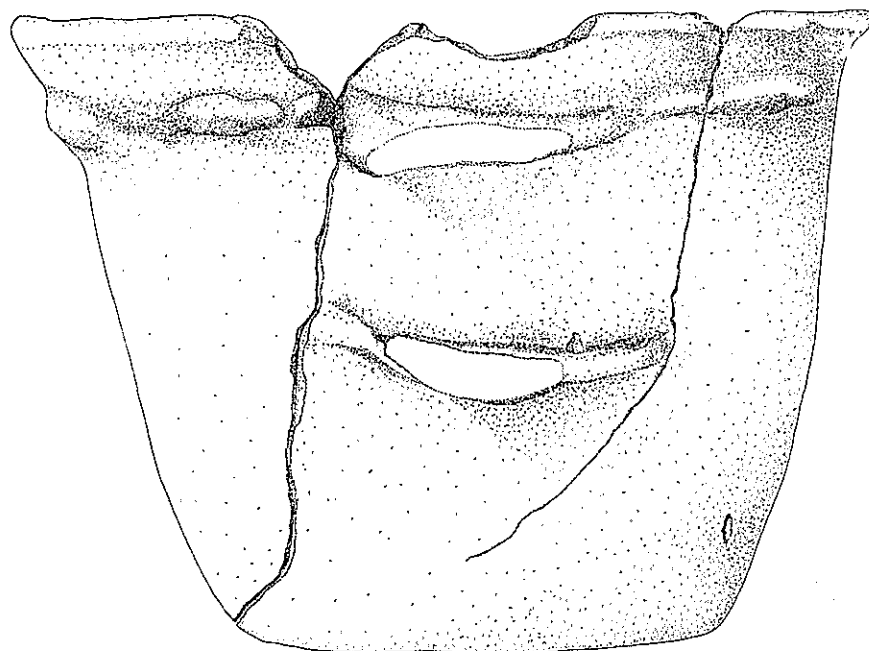


Fig. 3 — Vaso de proveniência desconhecida (Mairos, Chaves?).

#### Vaso da fig. 2C

##### Dimensões:

Altura — 13,5 cm.

Diâmetro da abertura — 13,4 cm.

Diâmetro do fundo — 7,9 cm.

Espessura média das paredes — 0,8 cm.

##### Asa:

Altura — 7 cm.

Largura média — 2,5 cm.

Espessura média — 0,9 cm.

##### Descrição técnica:

Pasta de textura compacta. O desengordurante é constituído essencialmente por elementos micáceos finos. Os elementos de quartzo são quase imperceptíveis tanto pelo seu tamanho como pela frequência.

As superfícies são polidas no interior e exterior. São visíveis, a olho nu, as estrias paralelas verticais resultantes da acção de um objecto liso utilizado para o polimento antes da cozedura ou, quando muito, antes de completamente cozido; no exterior, a cor predominante é o castanho claro tendo, também, manchas negras que se espalham a toda a volta do bordo.

##### Descrição morfológica:

Recipiente decorado, de forma tronco-cônica, perfil levemente sinuoso e fundo plano; bordo de lábio sub-horizontal com 0,8 cm de espessura.

É provido de uma asa lateral de preensão horizontal inserida abaixo do bordo. Esta é de secção sub-rectangular e tem uma pequena depressão na parte superior.

A toda a volta, sob o bordo, possui uma leve reentrância regular. Fabrico manual.

Estado de conservação: inteiro. Somente o bordo apresenta uma pequena falha.

Decoração: sob o bordo possui quatro protuberâncias mamilares salientes, sub-elípticas, de perfil cónico e alongadas lateralmente.

#### Vaso da fig. 3

##### Dimensões:

Altura — 10,5 cm.

Diâmetro da abertura — 14,2 cm.

Diâmetro do fundo — 7,6 cm.

Espessura média das paredes — 0,6 cm.

##### Asa:

Altura — 5,2 cm.

##### Descrição técnica:

Pasta de textura compacta. O desengordurante é constituído essencialmente por palhetas de mica de tamanho médio. Os elementos quartzosos ocorrem em pequena percentagem.

As superfícies, corroídas, ainda apresentam vestígios de polimento e até um certo brilho resultante da enorme quantidade de palhetas de mica que afloram. A cor predominante é beije mas no interior tem manchas avermelhadas.

##### Descrição morfológica:

Vaso tronco-cônico, decorado, de perfil irregular sub-côncavo, bordo extrovertido arredondado e fundo plano-convexo.

Teria sido provido de uma asa lateral, vertical, de preensão horizontal da qual ainda restam os «arranques».

Fabrico manual.

Estado de conservação: recipiente reconstituído a partir duma colagem de fragmentos. Falta parte do bordo, do fundo e da asa.

Decoração: sob o bordo alinham-se, horizontalmente, oito protuberâncias mamilares, elípticas e pouco salientes.

#### Considerações finais

Apresentamos um quadro de cerâmicas de fabrico manual, presumivelmente pré-históricas, provenientes de estações do Noroeste Peninsular. No referido quadro são inseridos três dos vasos em estudo na primeira parte deste trabalho.<sup>15</sup>

Verificamos que apresentam, com base em determinados atributos, um certo «ar de família». São, todos eles, recipientes abertos, de forma tronco-cônica (por vezes de tendência sub-cilíndrica), fundo plano, lisos ou providos de decoração mamilar e geralmente com uma asa lateral de preensão horizontal.

2. Vaso do dólmen (?) da Lapinha, freguesia de Calvos, concelho de Guimarães, distrito de Braga. Museu da Soc. M. Sarmiento, Guimarães (fig. 4).

Textualmente transcrevo a única referência relativa à proveniência deste vaso registada numa etiqueta que se encontra, neste momento,

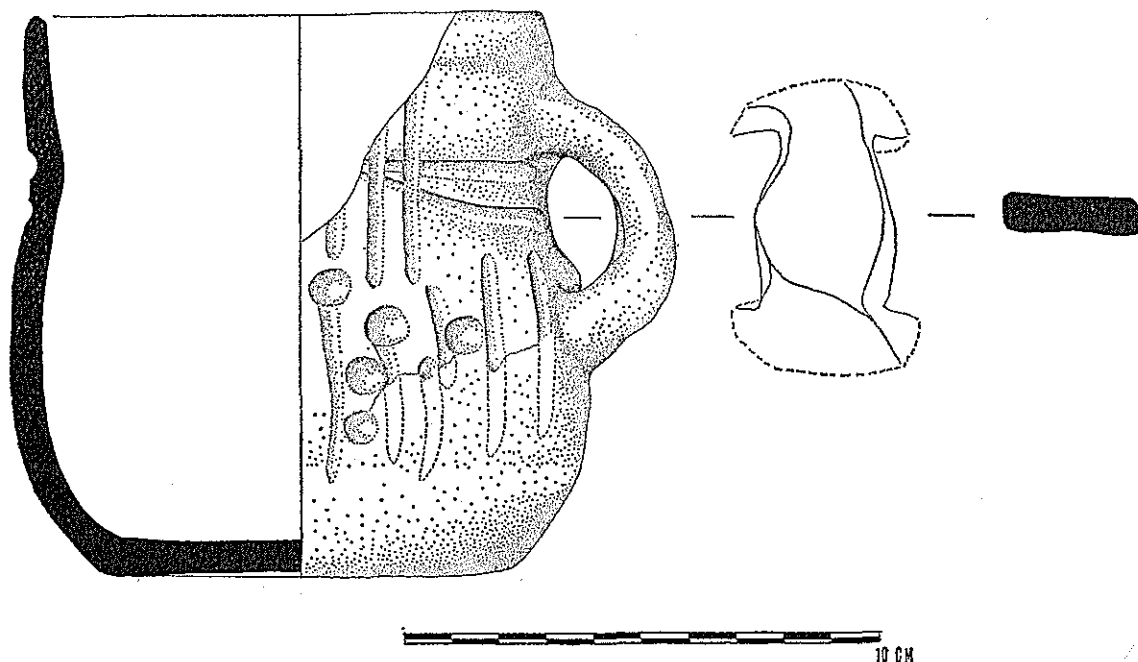


Fig. 4 — Vaso do Monte da Lapinha, Guimarães.

no interior do recipiente em estudo: «Encontrado ao abrir a estrada da Penha à Lapinha, a cerca de 300 m desta à capela, por debaixo da pedra de cobertura de um dólmen que, por os vestígios encontrados, deveria ter esta forma...» (neste passo é feito um esboço genérico de um dólmen).

Foram infrutíferas as buscas no sentido de localizar bibliograficamente o citado dólmen, o qual se pressupõe que, a ter existido, tenha sido destruído aquando do traçado da referida estrada.

Referir-nos-emos, genericamente, ao Monte da Lapinha tentando recriar, duma forma sucinta, o seu ambiente geográfico, geológico e arqueológico.

Situado a NW da freguesia de Calvos, é atravessado pela estrada da Penha a Tabuadelo.

Geograficamente constitui um dos prolongamentos para sul da Serra da Penha (cota 613). Esta zona planáltica, cuja altitude média oscila entre os 400 e os 500 m, por vezes atinge cotas mais elevadas formando pequenas elevações das quais a Lapinha é um exemplo. As suas encostas, suaves, são cortadas em variadas direcções por caminhos carreiros.<sup>16</sup>

Do ponto de vista geológico inscreve-se

numa mancha de rochas graníticas hercínias, cujo granito é calco-alcalino com biotite.<sup>17</sup>

A área circundante da Lapinha tem sido tema de variados trabalhos de arqueologia devido à importância e variedade das suas estações. Propriamente da Lapinha, só há notícia dum achado solto duma faca de sílex sem retoque.

Segundo notícia de Mário Cardoso, no Monte de S. Pedro, sobranceiro a Tagilde, aparecera uma cista megalítica e no Monte da Penha fora descoberta, por Martins Sarmento, uma mamoa no local de Matamá, da qual foi publicada uma notícia pelo Abade de Tagilde. Situa-se a nascente da capela de Santa Catarina e é conhecida pelo nome de mamoa de Matamá.<sup>18</sup>

Há ainda notícia da existência de diversas «grutas», no Monte da Penha, que apresentam vestígios de passagem do homem pré-histórico. A maior parte destas foi destruída aquando das obras de urbanização. Desses vestígios consta o achado, em 1933, dum conjunto de jóias, consideradas pré-históricas, conhecido pelo tesouro da Cantonha.

No entanto aquela que é, frequentemente, denominada pelo nome de *estação arqueológica da Penha*, é talvez, no N de Portugal, uma das mais ricas e variadas em espólio arqueológico.

PROVENIÊNCIA	N.º Exemp.	Forma geral Fundo plano	BORDO	ASA LATERAL Localização	DECORAÇÃO C/ MAMILOS Ordenação e Localização
Dólmen da Pedralta <sup>1</sup>	1	tronco-cónica	arredondado	?	em fiada a meio do corpo
	1	»	»	sob o bordo	—
Orca da Sobreda <sup>2</sup>	1	»	horizontal estreito	»	em fiada sob o bordo
	2	»	arredondado estreito	—	um mamilo funcional (?)
Orca dos Juncais <sup>3</sup>	1	»	»	—	—
	2	»	horizontal estreito	sob o bordo	—
Orca do Tanque <sup>4</sup>	4	»	arredondado estreito	—	—
	1	»	»	—	um mamilo funcional (?)
	3	»	»	sob o bordo	em fiada sobre a parte exterior do bordo
Carapito III <sup>5</sup>	1	»	»	—	—
	3	»	»	?	—
Anta da Cavaleira <sup>6</sup>	1	»	»	sob o bordo	—
Anta da Estante <sup>7</sup>	1	»	»	»	—
Orca de Forles <sup>8</sup>	1	»	»	—	—
Touvedo Salvador <sup>9</sup>	1	»	horizontal	na parte média do corpo	—
Mamoa da Serra V. Chã <sup>10</sup>	1	»	sub-horizontal estreito	sob o bordo	em fiada sob o bordo
Meixedo <sup>11</sup>	1	»	»	»	»
	1	»	sub-horizontal	»	»
Lomba de Coimbra <sup>12</sup>	1	»	»	»	—
	1	»	sub-horizontal estreito	—	—
Mairos? <sup>13</sup>	1	»	arredondado estreito	na parte média do corpo	em fiada sob o bordo
Necrópole de Gulpilhares <sup>14</sup>	2	»	horizontal estreito	sob o bordo	em fiada na parte média do corpo
	1	»	arredondado estreito	»	—
Necrópole de Outeiro do Muíño <sup>15</sup>	1	»	»	»	em fiada na parte média da asa
	1	»	»	»	—
	1	»	»	?	mamilos distribuem-se ao longo do corpo
Lorga de Dine <sup>16</sup>	1	»	sub-horizontal estreito	sob o bordo	em fiada na parte média da asa
Mamoa da Terranha <sup>17</sup>	1	»	horizontal	sob o bordo	em fiada a meio do corpo
Povoado de Areias Altas <sup>18</sup>	2	»	»	—	—
	2	»	»	?	em fiada sob o bordo
	1	»	horizontal	sob o bordo	—
Corvilho Sto. Tirso <sup>19</sup>	1	sub-elíptica sub-cilíndrica	»	23	—
	1	tronco-cónica	sub-horizontal largo	sob o bordo	—
	1	sub-cilíndrica	horizontal estreito	24	—
	1	»	arredondado	—	em fiada sob o bordo
	1	sub-elíptica	sub-horizontal largo	sob o bordo	em fiada na parte média da asa
Necrópole do Tapado da Caldeira <sup>20</sup>	1	tronco-cónica sub-cilíndrica	sub-horizontal	sob o bordo	em fiada na parte média da asa
Mamoa I de Outeiro de Gregos <sup>21</sup>	1	»	oblíquo	25	26
Cista da Portela do Gorgurão <sup>22</sup>	1	»	extremidade aplanada estreita	na parte média do vaso	—



Situada no ponto mais alto da Serra de Santa Catarina, forneceu grandes quantidades de espólio cerâmico, lítico e metálico atribuído a um largo período cronológico desde a I. do Bronze às ocupações do Ferro ou «castrejas».

Dos achados fortuitos, além dos já referidos, provêm do lugar da Devesa Escura, Abação, trituradores, polidores e pedaços de hematite. Do Monte de S. Bento, dum achado de superfície, existe um punhal de bronze.<sup>19</sup>

#### Descrição do vaso

##### Dimensões:

Altura — 12 cm.  
Diâmetro da abertura — 10,9 cm.  
Diâmetro máximo — 12,4 cm.  
Diâmetro mínimo (no colo) — 11,2 cm.  
Diâmetro do fundo — 8,4 cm.  
Espessura média das paredes — 0,7 cm.

##### Asa:

Altura — 6,3 cm.  
Espessura média — 0,7 cm.

##### Descrição técnica:

Pasta de textura compacta cujo desengordurante é constituído por grãos de quartzo de médio e grande calibre e elementos micáceos muito finos.

Superfícies exterior e interior com vestígios de alisamento.

A cor é castanho claro (beije).

##### Descrição morfológica:

Recipiente decorado, de forma sub-cilíndrica e perfil sinuoso de curva contínua, com um pequeno esboço de colo, bordo arredondado na extremidade e fundo plano-côncavo.

Possui uma asa lateral, vertical, de preensão horizontal e secção sub-rectangular, inserida no corpo sob o bordo.

Fabrico manual.

Estado de conservação: recipiente do qual unicamente resta um fragmento que abrange parte do fundo, corpo, bordo e asa. A reconstituição foi feita em desenho.<sup>20</sup> A superfície da parte inferior do corpo está bastante corroída tornando, nessa zona, a decoração pouco nítida.

Decoração: são combinadas as técnicas de incisão e impressão. A incisão é utilizada nos sulcos, estes pouco profundos e de largura média. Impressos são os pequenos círculos.

Ao apresentar a organização decorativa só me poderei referir à parte do vaso não reconstituída pois, em meu entender, este tipo de organização, desconhecida noutras cerâmicas e aqui só parcialmente visível, não permite extrapolar, isto é, reconstituir a decoração da forma completa.

Orientando o vaso de forma que a asa fique para o lado direito do observador, a decoração apresenta-se organizada da seguinte forma: na parte superior, e num primeiro momento (entendendo-o como sequência na feitura pelo artífice), dois sulcos de largura média, horizontais, aproximadamente paralelos entre si com início na pequena reentrância do corpo, (esboço de colo), sob a parte inferior da asa, vão convergindo, e talvez unir-se, num só sulco. Estes são interceptados por três sulcos verticais, paralelos, pouco profundos e de largura média que se alongam da parte superior do bordo ao início da «pança».

Na parte inferior do vaso, logo no início da «pança», têm lugar sete sulcos, também de largura média e pouco profundos que se estendem na vertical. Estes são seguidos de mais cinco, também paralelos mas mais estreitos.

Num segundo momento, foram impressos cinco pequenos círculos intercalando os sete primeiros sulcos (na «pança») ou sobrepondo-se-lhes.

Do lado direito da asa só podemos ver seis sulcos, aproximadamente paralelos e verticais com início sob o bordo na parte superior da asa. Os mais próximos da asa são curtos, mas os seguintes alongam-se progressivamente à medida que se afastam daquela.

Não é nosso intuito tecer, aqui, considerações de ordem cultural ou cronológica sobre este vaso, pois dificuldades de vária ordem se nos opõem.

Quanto à forma, recipientes cerâmicos, lisos, provenientes da Orca dos Juncas, poderão constituir paralelos para o vaso da Lapinha. São vasos lisos, de fundo plano-côncavo, perfil sinuoso de curva contínua e de bordo arredondado. Possuem asa lateral de preensão horizontal.<sup>21</sup>

Também neste caso, como no dos exemplares estudados na primeira parte do trabalho, só futuros estudos que visem a Pré-história recente do NW da Península, poderão contribuir para a definição do fenómeno megalítico e das relações deste com as demais culturas pré-históricas, contemporâneas ou posteriores.

#### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

referentes ao texto

- 1 — Agradece-se à Dr.<sup>a</sup> Elvira Jordão, conservadora do Museu da Soc. M. Sarmento, as facilidades concedidas no estudo dos vasos aí expostos, assim como ao Dr. A. A. Huet de Bacelar Gonçalves, encarregado do Museu do Inst. de Antrop. Prof. Mendes Corrêa. Agradeço, também, ao Dr. António Martinho Baptista, arqueólogo do Parque da Peneda, Gerês, a amabilidade com que facultou o estudo do vaso de Meixedo.  
Ao Dr. Vítor Jorge e Dr.<sup>a</sup> Susana Jorge, pelo incentivo e orientação dada a este trabalho, expressei os meus agradecimentos.
- 2 — Leisner, Vera, *Nota sobre um vaso transmontano*, «Arqueologia e História», 8.<sup>a</sup> série, vol. 3, 1958, pp. 145-153.
- 3 — Barreiros, F. Braga, *Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre*, «Arch. Port.», vol. XXIV, pp. 3-32.
- 4 — Sarmento, Martins, *Materiais para a Arqueologia da Comarca de Barcelos*, «Dispersos», Coimbra, 1933, pp. 153-164. As pontas de seta foram objecto de um estudo de Susana O. Jorge: *Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal*, «Mínia», 2.<sup>a</sup> série, ano I, n.<sup>o</sup> 2, 1978, pp. 99-175.
- 5 — Seg. a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000, folhas 57 e 58.
- 6 — Seg. a Carta Geológica de Portugal na esc. 1/50.000, folha 5D e respectiva notícia explicativa.
- 7 — Seg. a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000, folhas 33, 34, 45 e 46.
- 8 — Seg. a Carta Geológica de Portugal na esc. de 1/50.000, folha 6B.
- 9 — Seg. a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000, folha 54.
- 10 — Seg. a Carta Geológica de Portugal na esc. de 1/50.000, folha 5 C.
- 11 — Costa, J. Gonçalves da, *Montalegre e Terras do Barroso*, Ed. da Câmara M. de Montalegre, 1968.
- 12 — Op. cit. nota 4. Este vaso encontra-se no Museu da Soc. M. Sarmento. Savory, H. N., *Espanha e Portugal*, col. H. Mundi, vol. 14, Verbo, Lisboa, 1974, pág. 211. Este coloca o vaso da antela da Portelagem no Bronze inicial.
- 13 — Almeida, C. A. Brochado, *O Menir de S. Paio de Antas*, Esposende, Ed. ARCA. Espinho, 1979.
- 14 — Este dado foi tirado duma exposição sobre arqueologia do concelho de Esposende, realizada pela ARCA, de 18 de Agosto a 1 de Setembro de 1979.
- 15 — Deste está excluído o vaso do Monte Guilhofrei pois certos dos seus atributos, a forma geral e fundo, considerados prioritários

neste quadro, desviam-se levemente dos dos restantes.

- 16 — Seg. a Carta Militar de Portugal na esc. de 1/25.000, folha 85.
- 17 — Seg. a Carta Geológica de Portugal, na esc. de 1/50.000, folha 9B.
- 18 — Abade de Tagilde, *A Mamoa de Matamá*, «Rev. de Guimarães», vol. XVII, 1900, pág. 105.
- 19 — Cardoso, Mário, *A Estação pré-histórica da Penha (Guimarães)*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», vol. I, Coimbra, 1971.
- 20 — Este vaso encontra-se integralmente reconstituído. No entanto, achei mais correcto fazer a reconstituição em desenho visto não estar totalmente de acordo com a forma apresentada. O mesmo se passou quanto à decoração. Aqui limitei-me a descrever aquilo que pertencia efectivamente ao vaso, não atendendo aos variados sulcos incisos da parte reconstituída.
- 21 — Moita, Irisalva, *Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta*, «Ethnos», vol. V, LX, 1966, pp. 189-297.

#### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

referentes ao quadro

- 1 — Côta, Viseu. Col. Coelho, Viseu.
- 2 — Seixo, Oliveira do Hospital. Museu Municipal Santos Rocha.
- 3 — Queiriga, V. N. de Paiva. Museu Etnológico Português. Devido à sua configuração e dimensões, o mamilo pode ter desempenhado a função duma «pega».
- 4 — Carvalhal, B. N. de Paiva. Museu Etnológico Português. Como no caso anterior, é provável que tenha servido de «pega». Todos estes elementos foram tirados do já citado trabalho de Irisalva Moita.
- 5 — Dólmen do Carapite III. Leisner, Vera und Leonel Ribeiro, *Die Dolmen von Carapite*, 1968.
- 6 — Esposende.
- 7 — Carlão, Alijó. Col. particular do Padre Plácido.
- 8 — Forles, Sátão. Museu Etnológico Português.
- 9 — Desconhecida a localização precisa da jazida. Touvedo, Salvador, Ponte da Barca. Museu do Inst. de Antropologia, Porto. Sanches, M. J., *Alguns Vasos Cerâmicos Inéditos do Museu de Antropologia, Porto*, «Arqueologia», n.<sup>o</sup> I, Jun. 1980, pp. 12-19.
- 10 — Vila Chã, Esposende. Museu da Soc. M. Sarmento, Guimarães.
- 11 — Meixedo, Montalegre. Exposição permanente do Parque da Peneda, Gerês.
- 12 — Cista provida de «túmulos». V. da Ponte. Museu do Inst. de Antropol., Porto. Bibliog. ver nota 9.
- 13 — Museu do Instituto de Antropologia, Porto.
- 14 — Desconhece-se o tipo exacto de estrutura

- onde assentavam. Gaia. Fortes, José, *Gaya no Passado*, «Mea Villa de Gaya», Porto 1909, pág. 12.
- 15 — O primeiro vaso foi exumado duma cista a qual continha outros dois, estes de forma diferente. Os restantes três provêm dum local lateral a este, mas o seu achado, fortuito, não permitiu discernir o tipo de estação. Pedrosa, Quedro. Museu Provincial de Orense, Jesus Taboada Chivite, *Noticias Arqueológicas de la region del Tâmega (Verín)*, «Cuadernos de Estudios Gallegos», T. 26, vol. 78, Santiago de Compostela, 1978, pp. 45-55.
- 16 — Gruta. Dine, Vimioso. Museu Abade de Baçal, Bragança.
- 17 — Serra do Arestal, Sever do Vouga. Museu de Aveiro.
- 18 — Areias Altas, Porto. Seg. Russel Cortez, director das escavações, os vasos foram recolhidos no *chão das cabanas*. Cortez, Russel, *Contributo para o estudo do neolítico em Portugal*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XIII, fasc. 3-4, Porto, 1952.
- 19 — Desconhece-se o tipo de estação. Corvilho, Santo Tirso. Museu de Santo Tirso. Santarém, C. M. Faya, *Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa*, «Concelho de Santo Tirso, Boletim Cultural», vol. V, n.º 2.
- 20 — Sepultura II. Sepultura plana, sub-rectangular, aberta ao saibro. Baião, Museu da Câmara Municipal de Baião (em organização). Jorge, Susana O., *A Sepultura II do Tapado da Caldeira (concelho de Baião)*, «Trabalhos do Instituto de Antropologia Prof. Mendes Corrêa», n.º 41, Porto, 1980.
- 21 — Proveniente da estrutura periférica da mamoa I de Outeiro de Gregos, Baião. Escavações de Vítor O. Jorge realizadas em 1980.
- 22 — Alturas, Boticas. Museu do Instituto de Antropologia, Porto. Bibliog. ver nota 9.
- 23 e 24 — Nos dois casos vêem-se, sob o bordo, os negativos do «arranque» duma provável «pega».
- 25 e 26 — Um dos fragmentos possui uma asa mas torna-se impossível precisar a sua posição exacta no vaso. Um outro fragmento, que inclui parte do bordo, possui, sob este, um mamilo. Daqui não podemos inferir se teria mais do que um e, nesse caso, como se organizariam.

# PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## CONIMBRIGA

REVISTA DE ARQUEOLOGIA ROMANA

— Vol. XVIII (1979) — Preço: 250\$00

— Vol. XIX (1980) (a sair brevemente)

PEDIDOS: Casa do Castelo Editora

R. da Sofia, 47 — 3000 COIMBRA

## INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA EPIGRAFIA LATINA

(CADERNOS DE ARTE E ARQUEOLOGIA — I)

Por José d'Encarnação

Preço: 75\$00

PEDIDOS: Instituto de Arqueologia — Fac. de Letras

3049 COIMBRA

(pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio)